

#19 | ABRIL | 2011

BETAR & ARTES & LETRAS

BES Photo 2011

*O mais importante prémio de fotografia nacional está de volta.
No Museu Colecção Berardo*

MAURO RESTIFFE

B
BETAR

ENTREVISTA
ARO.º
GONÇALO
BYRNE

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Com a chegada da Primavera, as sugestões culturais aumentam. E se no Inverno o frio nos inibe de sair de casa, com sol e temperaturas amenas acabaram-se as desculpas! Saia para um passeio e aproveite para desfrutar dos vários eventos que lhe sugerimos.

Em Abril comemora-se o Dia Mundial da Dança e, como tal, não podiam faltar propostas neste domínio. A Companhia Nacional de Bailado juntou nove coreógrafos portugueses e compilou um espectáculo contemporâneo imperdível, enquanto que do estrangeiro chegam duas companhias com conceitos artísticos bem diferentes: a clássica Moscow Ballet e os irreverentes britânicos Stomp.

Na música também não faltam hipóteses. Ben Frost, Gotan Project, Salvador Taborda e Ana Moura prometem bons concertos, assim como os Dias da Música em Belém, anunciados por António Cabral. Já no Porto, as sugestões da colaboradora Maria João Duarte passam por eventos a custo zero.

Se prefere ambientes mais calmos, aprecie uma exposição de arte. Os Museus Berardo e Rafael Bordalo Pinheiro são as sugestões da Artes&Letras para este mês. Lá Fora encontram-se mostras como a primeira grande retrospectiva de Joan Miró em Londres; a obra de Roberto Jacoby, em Madrid, e uma cronologia sobre a história da pintura de paisagem, em Paris.

Quanto à arte da representação, já sabe que pode escolher entre cinema e teatro. Nos palcos do Teatro Aberto e do Teatro Nacional Dona Maria II as peças apresentadas já provaram ser de grande qualidade. “O Álbum de Família” foi distinguida com o Grande Prémio do Teatro Português 2010 e “As Três Irmãs” é a terceira obra de Nuno Cardoso, depois do sucesso de “Platonov” e “A Gaivota”.

E como já vem sendo hábito, a Artes&Letras entrevistou outro conceituado arquitecto português. Gonçalo Byrne recebeu-nos no seu atelier e falou-nos de memórias de infância, de projectos do presente e de objectivos para o futuro.

Até à próxima!

MIGUEL VILAR

EDITORIAL

'Eu comparo as obras, um pouco, com o que acontece com os filhos: a partir de certa altura eles têm a sua autonomia, a sua vida...'

Conheça a paixão do Arq.º **Gonçalo Byrne**, na primeira pessoa...
Por Cátia Teixeira



Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa



Teatro Municipal de Faro



Pousada de Estói

Foi ainda na adolescência que decidiu que queria ser arquitecto. O que é que a arquitectura tinha, e tem, de irresistível?

A opção de fazer arquitectura, no meu caso, foi relativamente precoce. A partir do 3º ano, o que equivalia ao 7º de hoje, para mim já era claro que me interessava arquitectura. O meu pai e o meu irmão eram engenheiros mas a arquitectura tem a componente artística que eu gosto. Ainda na escola primária, tive a sorte de ter um excelente professor de desenho, em Canas de Senhorim. Um daqueles mestres-escola que ainda existiam no final dos anos 40, um excelente professor, muito austero, que castigava, mas que foi uma referência para mim. Aos fins-de-semana, como eu gostava tanto de desenho, ele dava-me aulas em casa dele. Depois, no 3º ano, conheci um arquitecto em Leiria, Camilo Korrodi - filho de um arquitecto muito famoso, Ernesto Korrodi, ainda hoje uma referência - que tinha um atelier que eu achava fantástico. Depois, numas férias do liceu, voltei à Urgeiriça de autocarro e sentou-se ao meu lado um escritor americano.



Perguntou-me o que é que eu queria fazer e eu disse que gostava de arquitectura. Imediatamente, o tipo recomendou-me a leitura de um livro, sobre a história de um famoso arquitecto americano. Encontrar um livro americano, naquela altura, era complicado mas tive de vir a Lisboa, meses depois, e encontrei-o. Aquilo ainda reforçou mais a minha decisão. Felizmente não me arrependi e, ainda hoje, gosto imenso disto e espero ser um forte contestatário da reforma.

Tem uma paixão por cidades. Qual é a cidade que mais o impressiona e inspira, arquitectonicamente falando?

Eu costumo dizer que todas as cidades são fantásticas, mas penso que, no fundo, em todas elas há um bocadinho de Lisboa. É pena que tenha um centro histórico a cair. Em Portugal, não há nenhuma cidade que não tenha graves problemas de abandono nos centros históricos, mas Lisboa é capaz de ser a pior. Embora existam esforços. Acho que a actual gestão da Câmara de Lisboa, ao fim de muitos

anos, tem projectos bem estruturados, nomeadamente o vereador do urbanismo. Não entendo porque é que nunca houve uma pessoa daquele calibre na gestão da Câmara. Finalmente existe e desejo que se mantenha porque, numa cidade, estas políticas, ou se desenvolvem em prazos longos, ou não adiantam nada. Tem de haver continuidade e convergência de vontades políticas à volta de projectos de qualidade e isso está a acontecer com Lisboa, neste momento. O problema da recuperação da Baixa é um problema económico. A maior parte dos proprietários, os que ainda têm inquilinos, são mais pobres que os próprios inquilinos. Portanto não há mecanismos de renovação. Apesar disto, os investidores sabem que, daqui a uns tempos, aqueles terrenos vão valer muito dinheiro e é preferível não fazer nada, porque com o passar do tempo o capital do terreno valoriza. Há uma série de fenómenos que têm contribuído para aquilo. Tem de haver um reenquadramento financeiro de toda a Baixa. E essa perspectiva existe, finalmente, graças a este plano.

Disse, uma vez, que “um projecto deve conseguir fazer sentir que sempre existiu”. O que é que faz para que a sua obra consiga uma fusão perfeita com o local onde está inserida?

Nestas coisas não há uma receita... se houvesse, as obras seriam todas iguais e não teriam grande graça. O que é fascinante na arquitectura é que cada projecto é um desafio, que pressupõe basicamente duas coisas: grande rigor e exigência, por um lado e, por outro, um fascínio, um gosto, um empenho... mergulhar dentro do terreno. A pior coisa que pode acontecer é um projecto feito por desfastio. Dará, certamente, um mau edifício. Os edifícios não mentem. Uma pessoa que entenda minimamente de arquitectura, percebe, ao olhar para um edifício, o processo que esteve por trás dele. Há outra coisa que é muito importante: as cidades têm tempos longos. Em Portugal, as principais cidades têm cerca de dois mil anos de história. Portanto há sempre um problema que é a relação entre o que existe e o que se projecta. E eu acho que é muito importante perceber, em profundidade, aquilo que foi feito antes do nosso projecto. Mas as cidades, apesar de terem essa herança e essa memória, são organismos vivos e têm de continuar a viver, o que quer dizer que a própria identidade tem de ser reinventada e portanto os projectos têm sempre uma dimensão transformadora, criativa. As pessoas, muitas vezes, pensam que as cidades devem ser intocáveis, só se deve repetir o que existia, mas isso é a pior coisa que se pode fazer a uma cidade, porque a torna num museu. Isso é matar a cidade. Infelizmente é isso que está a acontecer nas cidades portuguesas, não por acção directa, mas por inacção. A pior coisa que pode acontecer é os edifícios perderem uso, começarem a ser desabitados, abando-

nados, porque imediatamente e inexoravelmente entram num processo de ruína e isso precipita a erosão das cidades.

Tem facilidade em desligar-se da obra, depois de concluída?

Há muitos colegas meus que vivem obcecados com o mau uso da obra. Mas há uma coisa que é importante: as obras ficam para lá dos arquitectos. É completamente irrealista pensar que hei-de continuar toda a vida a mandar na obra. Em primeiro lugar, ela não é minha e, em segundo, eu espero ela possa cumprir uma das características da arquitectura que é a permanência no tempo. Vai ter de se aguentar sozinha. Quando acabo uma obra é claro que fico, mais ou menos, atento mas acho que ela tem de ser madura. A obra, quando é entregue, quando vai viver a vida com os donos dela, tem de ser autónoma. Não me faz muito impressão, uma vez acabada, que a obra siga por si só. Quem sabe se, um dia, ela não tem condições para se manter e alguém decide demoli-la. É uma condição da própria vida dos edifícios. Eu comparo as obras, um pouco, com o que acontece com os filhos: a partir de certa altura eles têm a sua autonomia, a sua vida. Não é exactamente igual porque os edifícios não têm um ciclo fechado, como a vida orgânica. Se há um prédio de 1800 que hoje está habitado, é porque foi reabilitado, reajustado aos modelos de vida de hoje. Portanto um edifício pode, perfeitamente, viver sempre. Mas isso não está só na mão do projecto, basta haver, por exemplo, um terramoto como este do Japão. Mas pior do que as catástrofes naturais são as que são projectadas pelo homem, a guerra pode arrasar uma cidade ou, a pior de todas, que é o abandono. Uma cidade pode acabar num campo de arqueologia, como Conímbriga, que foi totalmente abandonada e desapareceu.

Porque este mês se comemora o Dia Mundial da Dança, dedicamos uma página especial a esta forma de expressão artística. Do clássico ao contemporâneo, eis as nossas sugestões.

Uma Coisa em Forma de Assim

De 28 Abril a 8 Maio no Teatro Camões. 5ª a sáb. às 21h e sábado também às 16h

A Companhia Nacional de Bailado (CNB) estreia, ainda este mês, uma obra co-criada por alguns dos mais importantes coreógrafos portugueses: Clara Andermatt, Francisco Camacho, Benvindo Fonseca, Rui Lopes Graça, Rui Horta, Paulo Ribeiro, Olga Roriz, Madalena Vitorino e Vasco Wellenkamp. A união destes criadores, com percursos coreográficos tão diferentes, apresenta-nos uma diversidade de entendimentos sobre a criação coreográfica contemporânea. A Bernardo Sasseti caberá a composição musical da obra, descaradamente roubada a Alexandre O’Neil.



CLÁUDIA VAREJÃO

Coppélia – Moscow Ballet

Dia 9 de Abril às 21h30 no Coliseu dos Recreios

Estreado em 1870, *Coppélia* é um bailado do romântico tardio e talvez por isso a introdução de elementos de humor e de graça seja uma das suas mais visíveis características. A história de *Coppélia* é a adaptação de um conto de Hoffmann, *Der Sandmann*, onde se narra o amor de Franz por uma boneca mecânica criada pelo Dr. Coppelius. A atracção de Franz irá acender o ciúme da sua noiva Swanilda, que prepara um plano para esclarecer toda a trama e testar a fidelidade do seu amado.



Stomp

De 26 de Abril a 1 de Maio no Casino Lisboa

A companhia britânica Stomp está de regresso a Portugal com o seu espectáculo que mistura percussão, movimento, dança, teatro e comédia. Os Stomp dividem-se em várias companhias que percorrem o mundo e cada espectáculo é diferente do outro. Para este, garante-se muito ritmo, animação, objectos em movimento, humor e criatividade, uma vez que usam instrumentos pouco convencionais como caixotes de lixo, latas e bidões. Surpreendente!



Este mês, José Mendonça sugere dois filmes brilhantes cujas estreias já foram há várias semanas. Se já não os “apanhar” nas salas, não deixe de os ver em DVD. Não se vai arrepender!

NO GRANDE ECRÃ

Poesia

Um vencedor em Cannes



Título original: Shi
De: Lee Chang Dong
Com: Jung Hee, Lee David e Kim Hira
Género: Drama
Classificação: M/12
Coreia do Sul/França, 2010, 137min

Este é um dos primeiros filmes sul-coreanos apresentados em Portugal e revelou-se muito interessante.

É a história de Mija, que vive sozinha com o seu neto, numa pequena cidade coreana, apenas com uma pensão e com o dinheiro que ganha como empregada de um idoso doente.

O gosto pela poesia leva-a a inscrever-se num curso de poesia e, em busca de inspiração, Mija esforça-se para olhar o mundo como se fosse a primeira vez. Mas quando a tragédia lhe bate à porta, descobre que a poesia não existe apenas nas coisas belas da vida.

Cada um dos companheiros de Mija tem de arranjar dinheiro para um amigo que teve um acidente e ela tem grande dificuldade para o conseguir. É o seu doente que lho dá, sobretudo em paga pelo que ela lhe tem feito. No final, Mija acaba por não conseguir ler a sua poesia e entrega a tarefa a outro companheiro.

Um filme muito bonito que venceu o prémio de melhor argumento na edição de 2010 do Festival de Cannes.

Indomável

Até ao dever cumprido



Título original: True Grit
De: Joen Coen e Ethan Coen
Com: Jeff Bridges, Matt Damon, Josh Brolin e Hailee Steinfeld
Género: Western
Classificação: M/12
EUA, 2010, 110min

Mattie, de 14 anos, tem uma personalidade invulgar. Depois do assassinato do pai pelo bandido Tom Chaney, jura vingança. Procura o melhor e acaba por contratar, após negociações duras, Roster Cogburn, um marshall alcoólico, famoso pelos seus métodos impiedosos mas eficazes. Mas Tom Chaney tem também na sua peugada um ranger do Texas, LaBoeuf, arrogante e palrador, que numa parceria improvável, acaba por se juntar ao marshall e à rapariga.

Depois de vários encontros e desencontros, cruzam-se com Chaney, acompanhado por outros bandidos. O grupo acaba por ficar com a rapariga enquanto Cogburn é forçado a ficar para trás. Quando se voltam a encontrar travam-se tiros. Mattie cai numa gruta e é mordida por uma cobra venenosa. O marshall chupa o veneno e, desesperado, leva-a, no cavalo de corrida, à procura de um médico. Passados 25 anos Mattie é uma mulher solteira e procura o Marshall para lhe agradecer.

Uma espécie de western sem saloon que o vai deixar impressionado.



clássicos Tempos Modernos

Neste filme, Chaplin dá vida, pela última vez, ao Vagabundo que lhe havia trazido fama mundial, desde a sua criação em 1914. Depois da personagem ter nascido, o mundo deu muitas voltas e, em 1936, no rescaldo da Grande Depressão, o Vagabundo já se debatia com inquietações semelhantes às que caracterizam o século XXI: pobreza, desemprego, greves, intolerância política, desigualdades económicas, drogas e tirania da máquina. Estes problemas começaram a merecer a atenção de Chaplin e, em 1931, o cineasta afirmou que: “O desemprego é a questão crucial. A máquina deverá beneficiar a humanidade e não ser causadora de tragédia, ao reduzir os postos de trabalho.”

Esta e outras questões são expostas neste filme, à luz da comédia, enquanto transforma o Vagabundo num entre milhões de trabalhadores fabris que povoam o globo. Visto, pela primeira vez, numa linha de montagem, o Vagabundo não tarda a ser usado como cobaia para testar uma máquina que alimenta os operários enquanto realizam as suas tarefas.

Um comentário brilhante à sobrevivência humana nas condições económicas, industriais e sociais adversas do século XX, e talvez do século XXI.

Título original: Modern Times
De: Charles Chaplin
Com: Charles Chaplin, Paulette Goddard e Henry Bergman
Género: Drama, Comédia
Classificação: M/12
EUA, 1936, 87min

Com a entrada da Primavera, aumentam os espectáculos musicais à nossa disposição. Se lhe faltava um impulso, aqui ficam algumas propostas interessantes para poder considerar.



Ben Frost

Dia 25, às 22h no Teatro Maria Matos

MÚSICA

Depois de nos ter visitado em 2009, Ben Frost regressa para nos apresentar com *By The Throat*, a sua obra-prima, onde a electrónica prova ser unificadora de emoções, imagens e muitos géneros musicais. Os concertos do músico nascido na Austrália mas islandês de coração, têm uma dimensão épica, explosiva, texturada e um carácter absolutamente revolucionário.



Gotan Project

Dia 8, às 22h no Coliseu dos Recreios

MÚSICA

Os Gotan Project têm uma presença constante nos nossos palcos. Desta vez vêm apresentar o novo “Tango 3.0”. Renovam-se assim os votos do público português com o trio franco-suíço-argentino. Um antigo caso de amor que se vai mantendo graças ao electrotango de Eduardo Makaroff, Philippe Cohen Solal e Christoph H. Müller. “Tango 3.0” não deverá deixar nenhum fã desiludido.



Ana Moura

Dia 16, às 21h30 no Coliseu dos Recreios

MÚSICA

Depois de um ano intenso, marcado pela atribuição de um Globo de Ouro, pela colaboração com Prince no festival Super Bock Super Rock e pelo rasto de salas esgotadas um pouco por todo o mundo, Ana Moura trás aos Coliseus o seu mais recente disco, o platinado “Levame aos Fados”. Os concertos terão como convidada a Frankfurt Radio Bigband e marcam a estreia absoluta da orquestra alemã no nosso país.



Salvador Taborda

Dia 9, às 22h no Centro Cultural Olga Cadaval

MÚSICA

Salvador Taborda pode caracterizar-se por uma voz de contornos intimistas e melancólicos e um classicismo intemporal, aliados a uma sobriedade e bom gosto que lhe granjearam já o aplauso do público e dos críticos mais exigentes. Da sua discografia fazem parte cinco álbuns de Fado e o último conta com a participação de José Cid, Paulo Gonzo, Rui Veloso e Lara Li, que será uma das convidadas em palco.



Concertos em Abril

por António Cabral

Este é o mês da “Música Sacra”: Duruflé (Requiem), Poulenc (Stabat Mater) e Bach (Paixão Segundo S. João) na Gulbenkian, mas é também o mês dos “Dias da Música” no CCB

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

7/4 às 21 horas e 8/4 às 19 horas (Grande Auditório)

Duas gerações de músicos portugueses: o pianista Sequeira e Costa e a maestrina Joana Carneiro. No programa Salonen (Helix), Rachmaninov (Concerto nº 1 e Bela Bartok (concerto p/orquestra)

14/4 às 21 horas e 15/4 às 19 horas (Grande Auditório)

Coro e orquestra Gulbenkian, Dir. Michel Corboz no Requiem Op. 9 de Duruflé e no Stabat Mater de Poulenc. Duas obras importantes da música sacra do Sec. XX

16/4 às 21 horas e 17/4 às 21 horas (Grande Auditório)

A “Orquestra da Juventude Mahler”, Dir. Philippe Jordan, com o grande barítono americano Thomas Hampson, interpretam do melhor Mahler: “O Rapaz da Trompa Mágica”, a “Sinfonia nº 1” e a “Canção da Terra”. Se não conhece não perca. Se já conhece saboreie.

18/4 às 19 horas (Grande Auditório)

A “Amsterdam Baroque Orchestra and Choir” e solistas sob, a direcção de Tom Koopman, interpretam a “Paixão Segundo S. João” de J.S.Bach, com o rigor estilístico e histórico que os caracteriza.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

15/4 às 21 horas (Grande Auditório)

Inauguração dos “Dias da Música” com a Orquestra Filarmónica de Brno (Checa) com um



programa: Luis de Freitas Branco, Gershwin e Dvorak

16/4 e 17/4 das 11 horas às 24 horas

Continuação dos “Dias da Música” com sessenta e quatro concertos de 1 hora cada. Há para todos os gostos: Música Coral Sinfónica, Música Sinfónica, Música de Câmara, Jazz e a Ópera “Porgy and Bess” de Gershwin em versão reduzida.

Orquestras e solistas, na maioria nacionais, mas de muito bom nível, e uma programação que foge do trivial e que dá uma panorâmica muito completa do período 1883-1945. No aspecto social e lúdico não será a “Folle Journée de Nantes” mas é sempre um encontro marcante e festivo para melómanos (e não melómanos) de três gerações: avós, filhos e netos.

NOTA FINAL: Fui ao Porto, tal como aconselhei, ouvir a interpretação do concerto nº 1 p/ piano e orquestra de Lopes Graça. O maestro o Snr. Matthias Bamert “abafou” completamente o pianista, Eldar Nebolsin, que teve imensa dificuldade em se fazer ouvir. Foi, assim, mal servida a melhor produção nacional. A RTP tem, nos seus arquivos, três interpretações incomensuravelmente melhores do que a que ouvi. São seus interpretes os pianistas Georges Bernand (em duas delas) e Miguel Henriques (esta última existe em disco num coffret de 10 discos editado no centenário do compositor).

ARTES

Se gosta de fotografia não pode perder a edição deste ano do BESPhoto. Se prefere uma mostra de arte mais tradicional, sugerimos uma exposição de peças de cerâmica.



MUSEU COLEÇÃO BERARDO

BES Photo 2011

Até 13 de Junho – Entrada gratuita

Na 7ª edição do evento cujo prémio é o mais importante, em Portugal, na área da fotografia, os nomeados são: Carlos Lobo e Manuela Marques (Portugal), Kiluanji Kia Henda (Angola), Mário Macilau (Moçambique) e Mauro Restiffe (Brasil). Uma das novidades do BES Photo é a admissão de artistas vindos do Brasil e dos PALOP. O Banco Espírito Santo, o Museu Berardo e a Pinacoteca do Estado de São Paulo juntam-se, este ano, com o intuito de promover a criatividade e integração dos artistas plásticos contemporâneos de língua portuguesa no panorama internacional e com a ambição de criarem o maior prémio de arte contemporânea do Atlântico Sul. Um júri de especialistas em fotografia e arte contemporânea seleccionou os artistas que expuseram ou publicaram os projectos fotográficos mais interessantes. Após a selecção, os artistas contemplados realizaram novos projectos expositivos que estão agora patentes em Lisboa.



MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

VICENTE António Vasconcelos Lapa - Exposição de Cerâmica Contemporânea

Até 22 de Maio – Entrada Gratuita

Esta exposição monográfica de peças em cerâmica propõe-nos uma viagem ao fantástico mundo vegetal criado por António Vasconcelos Lapa. Da semente à árvore, passando pela flor e pelo fruto, toda uma botânica reinventada, germinou em brilho e cor. O artista ainda conferiu o prazer da textura às formas que uma vez tocadas produzem sons singulares (quase) irrepetíveis. A “natureza” das massas densas ou finas, côncavas ou pontiagudas, preenchem o espaço a explorar. Assim, está em permanente (des)construção lúdica um cenário raramente habitado por répteis, estranhos à zoologia bordaliana, que se chegam a confundir com a flora. Em *Vicente*, *Vi Sente*, *Semente*, escreveu Carolina Lapa, existe “uma espécie de biologia sensorial onde podemos imaginar o que aconteceu e o que pode vir a acontecer, o porvir das peças, algumas de encaixe, que nos convidam a jogar um jogo improvável!”.

TEATRO

Se precisa de um motivo para ir ao teatro, a Artes&Letras apresenta-lhe dois: uma peça em estreia absoluta, mas já premiada, e outra que completa uma trilogia com provas dadas.

O Álbum de Família

Uma estação. Uma sala de espera. Um comboio. Um “eu” que empreende uma viagem à procura de si próprio. Uma viagem pela memória, pelo espaço e pelo tempo de Portugal, na época da Revolução. Este “eu” poderia ser qualquer um de nós. Será que deixa a família, à procura de novos horizontes, ou será que só o deseja e não ousa, mantendo-se agarrado aos seus laços afectivos ao mundo que conhece? *O Álbum de Família* propõe-nos uma reflexão sobre o conceito de família, num país onde as mudanças sociais da última metade do século XX e do início do novo século estarão em palco. Baseada em textos de Rui Herbon, esta é uma peça portuguesa inédita, distinguida em 2010 com o Grande Prémio de Teatro Português, promovido pelo Teatro Aberto em conjunto com a Sociedade Portuguesa de Autores.



Teatro Aberto

Preço: Normal: €15; Menores de 25 anos: €7,50; Maiores de 65 anos: €12
Data: A partir de 1 de Abril
Encenação: Tiago Torres Silva
Interpretação: Catarina Avelar, Catarina Wallenstein, Fernanda Neves, Jorge Corrula e José Eduardo.



As Três Irmãs

Depois de “Platonov” (TNSJ, 2008) e de “A Gaivota” (Ao Cabo Teatro/TNSJ/CCVF/Teatro Maria Matos/Teatro Aveirense, 2010), Nuno Cardoso encerra a sua trilogia tchekhoviana com “As Três Irmãs”, metáfora do sonho destruído pelo tempo que passa, drama da decadência de uma classe dominante que esconde mal a ausência de horizontes e a própria perda de sentido. Nesta peça, Olga, Macha e Irina vivem um quotidiano banal, numa pequena cidade dos confins da Rússia, enquanto sonham com o regresso a Moscovo. Nestes tempos de crise que também nós atravessamos, importa saber onde fica a “nossa” Moscovo, importa compreender porque é que o sonho não se torna motor de futuro, importa redescobrir o teatro como ensaio de nós próprios e como alternativa ao consumo cultural de massas que apenas prolonga a submissão.

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: Entre €7,50 e €16
Data: De 14 de Abril a 22 de Maio
Encenação: Nuno Cardoso
Interpretação: Maria do Céu Ribeiro, Isabel Abreu, João Grosso, José Neves, Manuel Coelho e Maria Amélia Matta

Grande parte da obra de Miró reunida numa galeria é um acontecimento extraordinário. Se puder ir a Londres, aproveite. Se o seu destino for outro, há mais sugestões.



Tate Modern, Londres

Miró

De 14 de Abril a 11 de Setembro

A obra de Joan Miró chega a Londres, na primeira grande retrospectiva em quase 50 anos. Reconhecido como um dos maiores pintores surrealistas, Miró trabalhou numa rica variedade de estilos, tornando-se um dos mais icónicos artistas modernos, cuja linguagem de símbolos reflecte a sua visão pessoal e uma sensação de liberdade e energia. A exposição inclui muitas das principais obras que conhecemos e revela a forte intensidade das obras deste artista. Esta é uma rara oportunidade para apreciar mais de 150 pinturas e esculturas da sua extraordinária carreira.

Reina Sofia, Madrid

Roberto Jacoby, el deseo nace del derrumbe

Até 30 de Maio

O artista argentino Roberto Jacoby (Buenos Aires, 1944) é uma referência da arte conceitual na América Latina e é também reconhecido por ser muito versátil e mutável. Poeta, ensaísta, sociólogo e letrista o trabalho de Jacoby progride com a formação de comunidades experimentais. Com o objectivo de reflectir no carácter interdisciplinar da obra do artista, a exposição está dividida em diferentes espaços que representam fragmentos das suas várias facetas criativas.



Grand Palais, Paris

Nature et idéal : le paysage à Rome, 1600 – 1650

Até 6 de Junho

Foi em Roma, no início do século XVII, que a história da pintura de paisagem começou. Até então, a paisagem não era considerada um género pictórico, era um simples pedaço de cenário. Foi ganhando autonomia e passou a ser o tema principal de muitas obras, e mesmo a temática preferencial de muitos artistas. Esta exposição reúne cem obras de colecções de prestígio de Itália, EUA, Inglaterra, Alemanha, Hungria e Holanda, incluindo peças dos maiores artistas como Carracci, Rubens, Lorrain e Chick, de 1620 e 1630.

Abril é mês de cravos e de começo de dificuldades económicas. Maria João Duarte aconselha a festejar na rua a Revolução, visitar museus ou ir a espectáculos, tudo a custo zero.

Museus

O roteiro “Conhecer os Museus Municipais do Porto” tem visitas guiadas gratuitas no 4o sábado de cada mês, entre as 15h e as 17h. Aos domingos e feriados a entrada é grátis nos museus de Serralves, Soares dos Reis e Nacional da Imprensa. O Centro Português de Fotografia é sempre gratuito.

Música

Casa da Música: Swans, banda nova-iorquina (10); Grigori Sokolov, piano (13); Elliott Sharp’s Carbon (28); Ensaios abertos e gratuitos: “Suites Sinfónicas” (8) e “Para um requiem alemão” (15). **Pavilhão Rosa Mota:** “God Save the Queen” (9) **Coliseu:** Simone (10 e 12) Ana Moura (15) Carmina Burana de Carl Orff Orquestra Est. Ucraniana (18) **Teatro Sá da Bandeira:** Patrick Watson, intérprete e compositor canadiano (23). Jazz para todas as bolsas: Se quiser ouvir Jazz no Porto, pode ir ao **Tribeca** na R.31 de Janeiro, ao **Bryner 85**, ao **Clube 3C** na R. Cândido dos Reis, à **Esmæ** na R. da Alegria, ao **Jazz ao Norte**, na R. Gen. Norton de Matos ou a um destes espectáculos: **Café au Lait:** Susana Santos Silva, trompetista, com o seu Quinteto (9) Hotfive, Jazz&Blues, LaActor Dias: Paulo Gomes Quinteto (16) **Casa da Música:** Overtone Quartet (9), Duke Ellington Orchestra (17), Patricia Barber, cantora e pianista (23)

Exposições

FNAC Santa Catarina: “Fotografias de rodagem do cinema português”. **Galeria 111:** “40 Anos no Porto”, colectiva (até 23) e **Galeria Serpente:** “Paisagens VI “de Ma Caldas Ribeiro (até 16)

25 Abril

Ursula Oppens, Frederic Rzewski The People United Will Never Be Defeated!, 36 variações sobre “¡El pueblo unido jamás será vencido!” na **Casa da Música**.

Teatro

Teatro Carlos Alberto: “Azul longe nas Colinas” (8 a 17). **TNSC:** “Exactamente Antunes” (até 17). Se quiser poupar às 5af estes teatros têm 50% de desconto.

Espectáculos

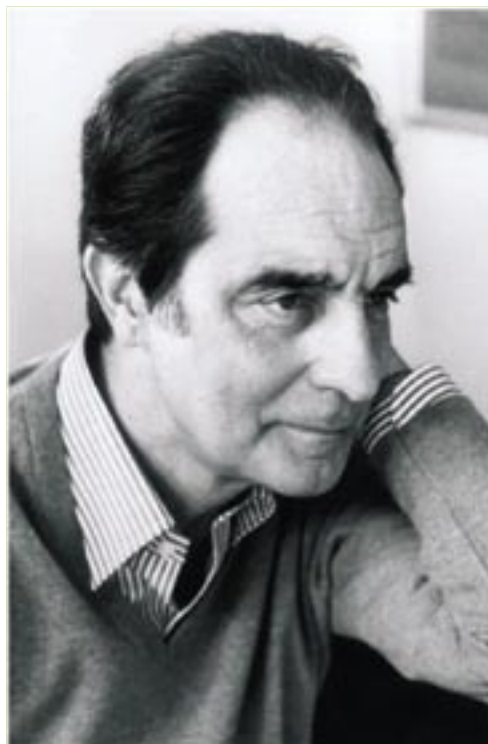
Gratuitos ou a “low cost” em: “Maria Vai com as Outras”, R. do Almada: grupo Indie “Pássaro” (15) actua também na **Casa Viva**, espaço temporário, multicultural, interventivo, sem fronteiras, sem rosto, experimental, revoltado, de cidadania”, na Pç Marquês de Pombal (16); **Armazém do Chá:** “King Salami and the Cumberland 3” (22); **Porto-110:** “Beware of the Dogs” (26); **Maus Hábitos:** “APQuinteto” (23); **Hard Club:** “Mayhem”, black metal de uma banda norueguesa. (23); **Porto Rio:** “No-meansno” e “Lost Gorbachevs” (12); **CDGO**, R. de Cedofeita: “The Glockenwise” (16) e “Long Way to Alaska” (16); **Casa do Livro:** “Eurico Costa Trio + M3” (30).

E Ainda...

Casa do Infante: “O Vinho e a Vinha” (até 17). Procuram-se POP’s – Projectos Originais Portugueses: A **Loja de Serralves** lança o desafio a jovens criadores portugueses para apresentarem propostas originais em várias áreas (até10)

LIVROS

Se há coisas que não perdem a validade são os livros. Este mês destacamos um mais recente, outro mais antigo... porque as obras não passam de moda e é sempre tempo de ler um livro.



Italo Calvino *As Cidades Invisíveis*

É um livro de histórias. De histórias bonitas. De 50 cidades com nomes de mulher, inventadas por Marco Polo para as suas conversas com Kublai Khan, neto do grande Gengis Khan, governador do império mongol, que ia desde o Irão à China e da Índia à Rússia. São descritos cenários mas principalmente sentimentos, que despertam a nossa imaginação. Algo que Calvino tão bem consegue reproduzir. Estas “Cidades Invisíveis” só existem na cabeça do escritor italiano, mas qualquer um de nós é levado a embarcar

na aventura, identificando-se com este ou aquele lugar, por mais remoto que nos pareça. É um trabalho bem diferente de “Se Numa Noite de Inverno um Viajante” ou “Senhor Palomar”, obras de referência de Italo Calvino. E ainda hoje, 39 anos depois da sua publicação, este livro de contos interligados continua a deslumbrar milhões de leitores por todo o mundo. Kublai Khan pode dominar parte do mundo, mas nunca o conhecerá por completo, porque Marco Polo vai ter sempre mais uma cidade para lhe mostrar.



As Cidades Invisíveis

Italo Calvino
Editorial Teorema, 1996



José Rodrigues dos Santos *O Anjo Branco*

Moçambique, 1960. A vida de José Branco mudou no dia em que entrou naquela aldeia perdida no coração de África. Confrontado com inúmeros problemas sanitários, o médico teve a ideia revolucionária de criar o Serviço Médico Aéreo. No seu pequeno avião, cruza diariamente um vasto território para levar ajuda aos recantos mais longínquos da província. Chamam-lhe “O Anjo Branco”.

Um dia, durante a guerra colonial, no decurso de mais uma missão, José cruza-se com

aquele que se vai tornar o mais aterrador segredo de Portugal no Ultramar. Inspirado em factos reais, esta obra afirma-se como o mais pujante romance jamais publicado sobre os últimos anos da presença portuguesa em África. José Rodrigues dos Santos surpreende no seu novo romance, ao adoptar um registo mais intimista.

Este é um livro que todos os portugueses sentirão como muito próximo, pelas experiências, pelos acontecimentos narrados, pela repercussão dos factos.



O Anjo Branco

José Rodrigues dos Santos
Gradiva, 2010

A Artes&Letras errou. Na edição anterior, o artigo sobre o álbum “The dark side of the moon”, dos Pink Floyd, deveria ter sido assinado por Fernando Cardoso. Ao visado as nossas desculpas.

Um filme da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



Eran Riklis

Les Citroniers

Grças ao canal franco-alemão Arte tenho visto muitos filmes que só muito raramente passam nas salas portuguesas. Do realizador, Eran Riklis, vi dois: “The syrian bride” (2004) e “The lemon tree” (2008).

Resumamos a intriga de “Citroniers”: Uma família da Cisjordânia cultiva, há mais de 50 anos, uma plantação de limoeiros. O pai já morreu. Agora, quem dele cuida é a única filha, viúva, auxiliada por um fiel servo que já trabalhava para seu pai. Os filhos da viúva têm as suas vidas. É portanto uma mulher só. Vive de um lado da fronteira, traçada pelos Israelitas na Cisjordânia, mas o limoal fica no terreno Palestiniانو. Para a frente do limoal, do outro lado da estrada que o bordeja, vem viver o Ministro da Defesa de Israel. A partir daqui tudo se complica para a viúva: a autoridade militar decide expropriar o limoal para precaver a segurança do Ministro; com o auxílio de um advogado Palestiniانو recorre para o Tribunal Militar mas perde; entretanto o exército coloca um posto de observação elevado para controlar e repelir as entradas da viúva e do seu jornalista no terreno. Por falta de cuidados os limoeiros vão definhando. Para reivindicar o que lhe pertence recorre para o Supremo Tribunal, ainda com a colaboração do advogado, que sabemos estar sentimentalmente instável; entre os dois estabelece-se uma relação, que se não é amorosa anda lá perto, e que é, à nascença, contrariada por familiares Palestiniانوس para quem ser viúva é imutável. O processo judicial torna-se mediático o que não impede que a setença final seja, benevolmente e só o corte de metade dos limoeiros mas com todas as limitações anteriores. Como a lei aplicada é dúbia (discricionária) fica-se sem saber se a viúva foi, ou não, idemnizada. O muro de betão, contruído pelos Israelitas para isolar a Cisjordania, que vamos vendo progredir ao longo do filme, passa também a bordejar o limoal, separando-o, agora com segurança absoluta do Ministro. A sua esposa, que vai ganhando consciência da arbitrariedade e da violência que os Israelitas, e o marido em particular, exercem sobre a Palestiniانا, o que somado ao comportamento adúltero do Ministro, decide-a à separação. A viúva, é condenada, pelos Israelitas, a perder praticamente o terreno, e o que ele representava de memória familiar, e, pelos Palestiniانوس, a não ter, para todo o sempre, o afecto (o amor) dos homens. Fica irremediavelmente só.

Um livro da minha vida

MARIA JOÃO DUARTE



Manuel Arouca

Deixei o meu coração em África

Chegados a 2011, vivemos uma crise económica, que nos leva a prever uma época de futuro incerto, e assistimos, quase em directo, a guerras religiosas, atentados de movimentos fanáticos ou a catástrofes naturais arrebatadoras. Esses factos, associados a uma descrença em ideais humanitários e de igualdade, estão a traduzir-se num desânimo generalizado. No entanto, o século XX assistiu a muitos acontecimentos dramáticos, recessões e, sobretudo, a guerras -mundiais, coloniais, locais e fraticínias. Muitos países tiveram que renascer das cinzas e Portugal, salvaguardado das destruições que abalaram a Europa, sofria, no entanto, os anos de ditadura e a realidade da guerra nas colónias.

Pouco se tem falado, na literatura e no cinema português, sobre essa guerra, que facilmente tendemos a esquecer e que muitas feridas, físicas e morais, foi deixando ao longo dos anos. Assim, proponho hoje a leitura de um livro que nos fala da guerra colonial vista pelo “outro lado”, ou seja, vista por alguém que apoiava o regime, que defendia a necessidade de combater para salvar as “nossas” colónias e que nos fala também da alta sociedade portuguesa dessa época dos anos sessenta.

Estamos habituados a uma visão crítica da guerra colonial, normalmente associada a uma tomada de posição que “à priori” se opunha a essa guerra. Neste caso, um jovem de família abastada de Lisboa, apoiante do regime e defensora da manutenção das Colónias, é mobilizado e parte para a Guiné. “A festa da minha partida, como lhe chamo, foi pouco depois das 3 festas mais emblemáticas que se realizaram no século XX, em Portugal, a festa do Vinagre, a festa dos Vinhas e a festa do Patiño.” Rodrigo para quem “a vida é uma questão de ritmo” irá contar-nos a sua vida. Paralelamente somos remetidos a um presente, e é assim que começa o livro, onde uma mulher que é atropelada é portadora de um manuscrito onde esse mesmo Rodrigo, que entretando desapareceu há seis anos, relata as suas experiências e emoções. As descrições do quotidiano da alta sociedade em Portugal Continental, o seu contraste com a vida de aventura, safaris, viagens de aviões particulares e maior liberdade ao nível moralista sobretudo em Moçambique, intercalam-se com uma visão da guerra, intensa e sofrida, na Guiné, e com a procura interior das personagens, Rodrigo, claro, os seus amigos, as mulheres da sua vida, Leonor, a noiva, mas sobretudo Isabel. “Naquele particular momento, sem a influência do alcool, da noz de cola, só, naquela pujante e inebriante natureza, senti-me profundamente ligado a África e interiorizei que nunca mais de lá sairia. Em termos de paixão, só Isabel me ligava a Portugal”.



Deixei o meu coração em África

Manuel Arouca
Oficina do Livro, 2005



B BETAR

35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. GONÇALO BYRNE

ISEG, ANTIGO CONVENTO DAS INGLESINHAS